



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras – IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

**O CONTO *NEGRINHA*, DE MONTEIRO LOBATO: LITERATURA E
SOCIEDADE**

Viviane Pedrosa da Silva

Brasília

2019



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Instituto de Letras – IL

Departamento de Teoria Literária e Literaturas – TEL

Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa

**O CONTO *NEGRINHA*, DE MONTEIRO LOBATO: LITERATURA E
SOCIEDADE**

Viviane Pedrosa da Silva

Monografia apresentada ao Departamento De Teoria Literária e Literaturas – TEL, da Universidade de Brasília – UnB, como requisito parcial e obrigatório para obtenção do título de Licenciatura em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura, sob orientação da Prof.^a Dra. Adriana de Fátima Barbosa Araújo.

Brasília

2019

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, sem Ele eu não teria chegado até aqui; toda honra e glória a Ele. Meus sinceros agradecimentos também a minha família, em especial a minha mãe, que sempre me ajudou em tudo. Agradeço também ao meu namorado e melhor amigo, Johan Samuel, que inúmeras vezes me incentivou e encorajou na escrita dessa monografia e em meus estudos. E ainda, agradeço as pessoas que fizeram da minha estada na Universidade de Brasília mais leve, agradável e até divertida, minhas amigas Stephanie Lorrane e Sther Correia.

Agradeço em especial a professora Adriana de Fátima Barbosa Araújo por ter aceitado, mesmo muito atarefada, me orientar nesse trabalho, e também por dispor do seu tempo, e ainda pelos direcionamentos que me deu.

RESUMO

O conto *Negrinha* compõe a obra adulta de Monteiro Lobato, sendo uma das narrativas com maior carga emocional do autor, expondo a sociedade do período de transição do século XIX para o século XX, gerando incômodos e reflexões. O presente texto visa analisar essa obra tendo em vista os aspectos literários tais como a concepção do gênero conto de acordo com o próprio Lobato, a localização dessa obra na produção do autor, e principalmente a relação do narrador com a matéria narrada. Aborda, além disso a crítica e as questões de cunho social presentes no conto, essas relacionadas à desigualdade de raça, classe social e gênero.

Palavras-Chave: Negrinha; Monteiro Lobato; narrador; matéria narrada; questões sociais de raça, classe social e gênero.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Assuntos do conto Negrinha.....	12
Tabela 2 – Caracterização das personagens na voz do narrador.....	18
Tabela 3 – Posição social das personagens.....	29

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO I.....	9
CAPÍTULO II	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
BIBLIOGRAFIA	45

INTRODUÇÃO

A obra de Monteiro Lobato é composta por vasta gama de produções dedicadas ao público infantil, como *Reinações de Narizinho*, *Caçadas de Pedrinho*, *Histórias de Tia Nastácia*, *O museu da Emília*, entre outras tantas histórias dos personagens do famoso *Sítio do Picapau Amarelo*. Mesmo nessas obras, o autor não deixa de retratar os problemas sociais; o que não é diferente em sua produção adulta. Esse é o caso do conto *Negrinha* (LOBATO, 1927), que retrata a época Pós-Abolição, e, diferentemente das obras infantis de Lobato, não está repleto de aventuras juvenis; pelo contrário, a narrativa apresenta “a dura lição da desigualdade humana” (ibid.), abordando questões de raça, classe social e gênero, as quais serão analisadas na presente monografia, assim como outros aspectos do conto mencionados a seguir.

Em 1920, Lobato publicou pela primeira vez o livro de contos intitulado *Negrinha*, composto, entre outras narrativas, pela história emocionante da pobre órfã de nome igual ao do título. *Negrinha* é uma criança negra, filha de mãe escrava que, em razão da morte da sua genitora, passa a ser criada por D. Inácia, a antiga patroa de sua falecida mãe, uma senhora rica e acostumada ao antigo regime escravocrata que, por isso, conserva *Negrinha* consigo, “como remédio para os frenesis” (ibid.).

O primeiro capítulo deste estudo se dedicará a entender como Lobato concebia o gênero conto; sendo necessário, também, a compreensão do significado do conto *Negrinha* na produção do escritor. Além disso, é primordial que algumas questões sobre o narrador e a matéria narrada sejam respondidas, para que o conto seja analisado, tendo em vista a crítica social que carrega em si, no Capítulo II desta monografia. As questões que se colocam a respeito da relação narrador e matéria narrada, respondidas a partir da análise paulatina dos elementos textuais do conto, são: Quais são os assuntos que o narrador trata no conto? Como o narrador conta esses fatos? Quais são as relações entre o narrador e as personagens? De que maneira ele organiza o foco da narrativa? Qual a posição do narrador diante dos problemas da época que o conto retrata? Depois dessa primeira análise do narrador, será estudada a ironia utilizada por ele.

Do ponto de vista da crítica social, pode-se observar que o conto *Negrinha*, apesar de possuir poucas páginas e ser de rápida leitura, está repleto de temas relevantes. No Capítulo II, as seguintes problematizações serão respondidas, tendo em vista o contexto histórico da sociedade brasileira no final do século XIX e início do século XX: Como o negro era tratado

no pós-abolição? Quais questões de classe social o conto expõe? Sobre o clero católico, que críticas podem ser feitas sobre ele; qual o seu papel nesse conto? Que contrastes podem ser feitos entre Negrinha e as sobrinhas de D. Inácia? O que a boneca representa nesse conto? Sendo um conto com personagens predominantemente femininas, qual papel social a mulher desempenha na sociedade representada nessa obra?

Por fim, nas Considerações Finais, aborda-se a importância do estudo de *Negrinha* nos dias atuais, como texto que revela a história do Brasil e retrata a realidade do pós-abolicionismo, por trazer crítica social, gerar incômodos e promover reflexões em seus leitores.

CAPÍTULO I

O gênero conto e *Negrinha* segundo Lobato

Em 1918, Monteiro Lobato publicou *Urupês*, coletânea de contos da sua obra para adultos. Sucesso de livraria que, junto com a campanha jornalística a favor do saneamento, tornou o autor conhecido (NUNES, 2000, p. 12 e 13). Lobato não encerrou sua carreira no gênero com essa coletânea, em 1920, publicou o livro *Negrinha*. Em 1923, de acordo com Cassiano Nunes, com a publicação de *O macaco que se fez homem*, Lobato praticamente encerra sua carreira como contista (ibid., p. 15).

Com base nos estudos de Elaine de Oliveira Galastri e por meio da análise de algumas das correspondências entre Lobato e Godofredo Rangel, publicadas com o título de *A barca de Gleyre*, em dois tomos, vê-se o conto na concepção de Lobato. Essa primeira análise se faz necessária como base para as posteriores.

Inicialmente, em 27 de junho de 1909, Lobato escreve para Rangel discorrendo sobre o tipo de conto que queria escrever:

Sou partidário do conto, que é como o soneto na poesia. Mas quero contos como os de Maupassant ou Kipling, contos concentrados em que haja drama ou que deixem entrever dramas. Contos com perspectivas. Contos que façam o leitor interromper a leitura e olhar para uma mosca invisível, com olhos grandes, parados. (1959, vol. 1, p. 243)

Lobato examinava também os livros publicados em sua época, mas não via neles a qualidade do que queria escrever. Ele queria algo diferente, com novidades, tanto na forma como no trecho, sem “amorécos” e “adulteriosinhos de Páris”. Afirmou que seu livro de contos teria “paisagem, árvores, céu, passarinhos, negros...”, como os de Kipling (1959, vol. 1, p. 244). Foi isso que fez, inspirou-se nos grandes autores e não aceitou que sua obra se reduzisse ao padrão do que estava sendo elogiado pela imprensa. Lobato inovou, mas não foi tarefa fácil, nas palavras do próprio autor: “Toda gente considera o conto um gênero leve – e tomam o leve como sinônimo de fácil. Mas note que em todas as literaturas só emerge do conto um Maupassant para dez romancistas.” (ibid., p. 281).

Ainda em 1909, numa das cartas que compõe o primeiro tomo de *A barca de Gleyre*, o autor escreveu novamente para Rangel dizendo estar frio com o conto, achava esse um campo

restrito, “coisa só para os grandes mestres”. Prosseguiu afirmando que se engana quem pensa que por se tratar de um texto mais curto fosse mais fácil, ou coisa de principiante (ibid., 265). Mas essa forma curta do conto, segundo Benjamin Abdala Junior, tem razão de ser, pois o contista deve “concentrar efeitos para ocasionar um determinado impacto no leitor”, e por isso, “Toda a construção da narrativa direciona-se para propiciar esse efeito.” (1995, p. 18). Lobato se referiu a isso quando disse querer “contos concentrados”, “contos com perspectiva”, que gerem reações no seu leitor. Mais tarde, em 1917, Lobato complementa sua fala de 1909:

O fim visado num romance ou conto deve ser o máximo de impressões no leitor com o mínimo de meios. É neste sentido que voga o meu barco. Progrido em “concentração”, fujo sistematicamente à “diluição”. Prefiro fabricar um martelo de pinga a um barril de garapa azeda. (1964, vol. 2, p. 137)

Assim são os contos de Lobato, trabalhados em todos os aspectos para serem esse “martelo de pinga” que impressiona seus leitores, com histórias tão marcantes que possibilitariam ao leitor resumir e contar a um amigo, gerando interesse nele, como era o desejo do escritor (LOBATO, 1959, vol. 1, p. 244). Outrossim, essas histórias são marcantes por representar a realidade do povo brasileiro.

Em sua dissertação de mestrado, Elaine de Oliveira Galastri, afirma que “o autor tem uma ideia do conto que em muito lembra Edgar Allan Poe, pois, para Lobato, esse gênero deve ser calculado, trabalhado para se chegar ao fim para se chegar ao fim pretendido” (GALASTRI, 2006, p. 5). E, para confirmar sua afirmação, cita as palavras do próprio Lobato: “Se me seduz uma idéia, ponho-a em conto, mas sempre com muita preguiça. O gosto vem depois, na polidura do borrão, no acepilhamento, no envernizamento [...]” (LOBATO, 1964, vol. 2, p. 147).

Lobato tornou-se um grande mestre na arte de escrever contos em razão da excelência que almejava alcançar ao produzi-los, e foi reconhecido por isso. Não é em vão que Jorge Amado afirma que o autor “[...] foi um dos maiores, um dos mais completos contistas do Brasil, êmulo de Machado de Assis e de Lima Barreto. [...]” (apud DANTAS, 1992, p. 55). Garante, além disso, que:

O contista de Urupês é um mestre e se hoje existe um tão grande movimento em torno do conto brasileiro, isso se deve em grande parte, à obra de Monteiro Lobato, que deu popularidade, angariou leitores, para um gênero até então de pequena circulação; o conto ganhou público no Brasil com os livros de Lobato. (Ibid. DANTAS, 1992, p. 56)

Quanto ao livro de contos *Negrinha*, como se localiza na obra de Lobato, sabendo que é composta por textos para o público infantil e o adulto, contando com contos, textos jornalísticos, correspondências e um romance? Inicialmente, é importante destacar que esse livro foi muito bem recebido pelo público contando com uma tiragem de 6.000 exemplares, cifra superior à de títulos como *Ideias de Jeca Tatu*, de 4.000 unidades, e *Narizinho Arrebitado*, de 5.000 exemplares; número inferior somente à tiragem de *Urupês*, de 8.000 unidades (MARTINS apud KOWALCZUK, 2012, p. 22). Sua primeira edição trazia os contos *Negrinha*, *As fitas da vida*, *O drama da geada*, *Bugio Moqueado*, *O jardineiro Timóteo* e *O colocador de pronomes* (LOBATO, 2008, p. 19), e, com o passar dos anos, foram acrescentados outros contos.

Regressemos à pergunta anterior; o próprio Lobato responde essa questão quando, em novembro de 1920, escreve para Rangel:

Lanço meu agora um verdadeiro filhote de livro – Nerinha, para fazer uma experiência: se vale mais a pena lançar “livros inteiros” a 4 mil réis, ou “meios livros” a 2\$500. A simples lógica do raciocínio não vale em casos desses; temos de experimentar. É o que me aconselharia Bacon, se ainda estivesse vivo e a mão. (LOBATO, 1964, vol. 2, p. 220)

Nota-se que para Lobato o livro de contos *Negrinha* teve caráter experimental; experiência muito bem-sucedida considerando os números de tiragens da obra. O escritor reitera seu argumento no primeiro número de *A novela semanal*, do dia 2 de maio de 1921, afirmando sobre si e sua obra: “Escreveu umas tantas lorotas que se vendem - *Urupês*, gênero de grande saída, *Cidades mortas*, *Idéias de Jeca Tatu*, subprodutos, *Problema vital*, *Negrinha*, *Narizinho*.” (LOBATO apud AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 18).

Embora para Lobato o livro *Negrinha* fosse um subproduto, para a população negra da década de 1920, o conto de mesmo nome representou o seu reconhecimento, uma vez que o negro permanecia marginalizado e com o mesmo padrão de vida ao anterior à Abolição da Escravatura, e lutava para mudar essa situação. Com essa obra, o escritor deu à figura do negro a representação que lhe faltava no início do século XX, tanto na literatura quanto na sociedade (KOWALCZUK, 2012, p. 21), pois o conto *Negrinha* mostra a violência sofrida pela população negra, representada pela pobre menina negra de sete anos; apesar de essa obra ser narrada de um ponto de vista superior, o que será estudado adiante.

Na obra de outros escritores, como Lúcio Cardoso, conforme relata Marisa Lajolo, não eram tematizadas as diferenças e os choques culturais eram diluídos em afeto complacente, propiciando ao leitor uma experiência apaziguada de uma situação em que se apagava toda a violência do modo pelo qual a modernização do Brasil se processava (LAJOLO, 1998). Ao pensarmos no conto *Negrinha* de Lobato, vemos que nele o escritor não deixa de “denunciar as crueldades do escravismo” (AZEVEDO; CAMARGOS; SACCHETTA, 1997, p. 222). Um ponto a ser questionado e que gera várias dúvidas é a ironia do narrador, que às vezes parece aproximá-lo daqueles que detém algum tipo de poder, até mesmo como cúmplice, e outras vezes parece ser um recurso para criticar essa elite; estudaremos tal recurso no fim desse capítulo.

O Narrador de *Negrinha* e a matéria narrada

O narrador de uma obra é tão importante quanto os personagens e a história contada, e, tal qual esses, é uma entidade fictícia que constrói “uma verdadeira persona (máscara, personagem), que narra os acontecimentos” (JUNIOR, 1995, p. 20). Segundo Norman Friedman, existe um tipo de narrador que se comporta como um deus no seu universo ficcional, conhecendo, até mesmo, o que está no interior das personagens e o seu contexto histórico. Esse tipo de narrador aparece com voz narrativa em terceira pessoa, e é livre para narrar adotando todas as posições possíveis (FRIEDMAN apud JUNIOR, 1995, p. 27); e ainda, “está fora dos fatos narrados, portanto seu ponto de vista tende a ser mais imparcial.” (GANCHO, 2001).

Esse é o tipo de narrador do conto *Negrinha*, que, do início ao fim, é construído em terceira pessoa, por um narrador observador e onisciente, que sonda até os pensamentos e as emoções das personagens. Vejamos, na tabela a seguir, quais são os assuntos abordados por ele:

Assuntos do conto <i>Negrinha</i>	
Primeiras informações sobre Negrinha:	Nome, idade, cor, cabelos e olhos. Onde nasceu, filiação, onde e como viveu seus primeiros anos de vida.
Primeiras informações sobre D. Inácia:	Condição social, relacionamento com a igreja, não suportava choro de criança, viúva sem filhos.

Sobre Negrinha:	O que acontecia e porque chorava. Como passava o tempo. Como era tratada pelos adultos. Como era seu corpo.
Sobre D. Inácia:	Mestra em judiar de crianças. Ex-senhora de escravos. Não se acostumou com o novo regime. Castigos que seus escravos recebiam antes da Abolição da escravidão. Para que manteve Negrinha consigo.
Judiarias praticadas por D. Inácia:	Cocres, puxões de orelha, beliscões, esfregadela, vara de marmelo.
Castigos maiores:	História do ovo quente.
Caridade:	Conversa com o vigário logo após a história do ovo quente. Aparece de novo em conversa com suas sobrinhas, também depois de um castigo.
Visita das sobrinhas de D. Inácia:	Contraste entre tratamento que Negrinha recebia e o que elas recebiam. Podiam brincar. Tinham brinquedos.
Boneca:	Negrinha vê e brinca com uma pela primeira vez. Momento da boneca para a mulher. Conscientização da humanidade de Negrinha.
Morte de Negrinha:	Como e porque Negrinha morreu.

Tabela 1: Assuntos do conto Negrinha

Além de mostrar os assuntos do conto, é importante destacar como esses são contados pelo narrador, como ele os organiza e qual linguagem utiliza? Analisando a narrativa percebe-se que a organização do conto se dá de modo crescente, concentrando-se na vida de Negrinha. Em primeiro lugar, vemos que o narrador destaca os dados pessoais da personagem que, conforme os estudos de Cilza Carla Bignotto, lembram dados de Censo do IBGE (1999). Entre

essas informações estão onde nasceu e de quem era filha, é destacado ainda como ela viveu seus primeiros anos, como era tratada verbalmente pelos adultos e os castigos físicos que D. Inácia lhe infligia, “judiaria miúda” (LOBATO, 1927). Então discorre sobre uma situação que gera maior impacto, a “história do ovo quente” (ibid.), que era um castigo maior, e sobre a conversa de D. Inácia com o vigário a respeito da caridade. A narrativa cresce novamente quando o narrador muda de assunto e conta sobre a visita das sobrinhas de D. Inácia, que levam para a casa de sua tia alguns brinquedos, entre eles uma boneca, a qual possibilita a conscientização de Negrinha de sua humanidade. Depois o narrador conta sobre a morte da protagonista, que se dá pelo fato de tudo ter voltado a ser como era antes, menos Negrinha.

Sobre a linguagem empregada pelo narrador, vê-se que utiliza verbos no passado desde o começo do conto, pois está contando a história de outra pessoa, que já morreu. Não é muito descritivista de objetos ou lugares, concentra-se no interior das personagens e na vida delas, especialmente com relação a Negrinha, como exemplifica o trecho: “Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha alma. Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que ela trazia em si, e que desabrochava, afinal, como flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ser humano.” (LOBATO, 1927).

Outra característica da linguagem empregada pelo narrador no conto é a utilização de perguntas com diferentes propósitos. A primeira pergunta que aparece no texto tem como finalidade destacar um aspecto físico da personagem principal, como vê-se no trecho: “Preta?? Não. Fusca, mulatinha escura [...]” (ibid.). A indagação seguinte serve como resposta sarcástica à fala de D. Inácia, “ – Quem é a peste que está chorando aí? ” –, ao que o narrador rebate “Quem havia de ser? A pia de lavar pratos?? O pilão??” (ibid.).

Prossegue com o uso de questionamentos como recurso narrativo, dessa vez para mostrar como os adultos falavam com Negrinha, “Que ideia faria de si essa criança que nunca ouvira uma palavra de carinho?” (ibid.). Do mesmo modo, por meio de uma pergunta se dirige ao leitor diretamente, como observa-se quando o narrador menciona a “história do ovo quente” e indaga “Não sabem??” (ibid.) e, em seguida, conta a história citada.

Os pensamentos e as emoções de Negrinha são representados também, em alguns momentos, por meio de perguntas, como quando o narrador relata a visita de duas sobrinhas de D. Inácia e as expectativas de Negrinha de que essas meninas fossem tratadas como ela. Então, como se fossem os pensamentos da personagem o narrador questiona: “Quê? Pois não era um crime brincar?? Estaria tudo mudado e findo o seu o seu inferno – e aberto o céu??!” (ibid.).

Isso pode ser visto também quando Negrinha está prestes a segurar a boneca pela primeira vez: “Negrinha olhou para os lados, ressabiada, com o coração aos limites. Que aventura, santo Deus! Seria possível??” (ibid.). Além disso, emprega outra pergunta também ligada a Negrinha para mostrar o que ela observava quando viu brinquedos pela primeira vez – “Que é aquilo?” (ibid.) –, e então descreve a boneca rapidamente.

Aliás, o narrador não se restringe a contar a história, ele tece comentários, como evidencia a passagem:

Varia a pele, a condição, mas a alma é a mesma – na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca – preparatório, e o momento dos filhos, – definitivo. Depois disso está extinta a mulher. (ibid.)

É interessante notar que o narrador também utiliza as reticências diversas vezes como recurso narrativo. Segundo Evanildo Bechara, as reticências “Denotam interrupção ou incompletude do pensamento (ou porque se quer deixar em suspenso, ou porque os fatos se dão com breve espaço de tempo intervalar, ou porque o nosso interlocutor nos toma a palavra), ou hesitação em enunciá-lo” (BECHARA, 2009, p. 608). Já o Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa traz a seguinte definição:

[...] num texto, indicam interrupção do pensamento (por ficar, em regra, facilmente subentendido o que não foi dito), ou omissão intencional de coisa que se devia ou podia dizer, mas apenas se sugere, ou que, em certos casos, indica insinuação, segunda intenção, emoção [...] (FERREIRA, 2004)

Muitas vezes o narrador do conto *Negrinha* se vale das reticências para deixar informações em suspenso e introduzir uma informação nova, como percebe-se nos trechos: “No entanto, aquele choro nunca vinha sem razão. Fome quase sempre, ou frio, desses que entanguem pés e mãos e fazem-nos doer...” (LOBATO, 1927); posteriormente, o narrador conta como Negrinha cresceu: “Estava escrito que não teria um gostinho só na vida, nem esse de personalizar a peste...” (ibid.); a informação seguinte é sobre o corpo de Negrinha.

As reticências também são usadas pelo narrador como marca de omissão intencional quando exemplifica que tipos de castigos D. Inácia aplicava em seus escravos, podendo ser entendidas como recurso para permitir ao leitor imaginar que outras torturas D. Inácia poderia ter praticado, vejamos: “‘Qualquer coisinha’; uma mucama assada ao forno, porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho, porque disse: — ‘Como é ruim, a sinhá!’.... ” (ibid.). Emprega as reticências também para indicar hesitação, como notamos quando Negrinha inicia

uma breve conversa com as duas sobrinhas de D. Inácia: “- É feita??... perguntou extasiada.” (ibid.). Utiliza-as também, para demonstrar a emoção de Negrinha ao ver brinquedos pela primeira vez: “Que maravilha! Um cavalo de rodas!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim, tão galante. Um cavalinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que fala “papá”... que dorme...” (ibid.). Por fim, outro ponto sobre a linguagem do conto refere-se à ironia, que é uma característica predominante nele; este aspecto será estudado posteriormente.

Prossigamos a análise da matéria narrada, dessa vez olhando para as relações entre narrador e personagens. Mas antes, faz-se necessário ressaltar que, conforme os estudos de Benjamin Abdala Junior em *Introdução à Análise da Narrativa*, as personagens são seres fictícios que se referem a pessoas, sendo construídas por meio de palavras. E que no discurso narrativo recebem um sistema de predicação direto – informações explícitas do texto, “a informação sobre a personagem vem através da voz do narrador, de outras personagens ou pela própria personagem” (JUNIOR, 1995, p. 41) – e indireto – envolve interpretação do leitor a partir das falas e pensamentos da personagem (ibid.).

Ademais, de acordo com sua caracterização, as personagens podem ser planas ou redondas. As personagens planas são caracterizadas “com um número pequeno de atributos que as identifica facilmente diante do leitor” (GANCHO, 2001), e geram os tipos – “personagem reconhecido por características típicas, invariáveis, quer sejam elas econômicas ou de qualquer outra ordem” (ibid.) – e as caricaturas – “personagem reconhecido por características fixas e ridículas” (ibid.). De acordo com Massaud Moisés, as personagens planas “comparecem as mais das vezes nos contos, nas novelas e nos romances lineares” (MOISÉS, 2000, p. 110) e “não evoluem (por dentro)” (ibid., p. 113). Já as personagens redondas possuem “uma série complexa de qualidades ou/e defeitos” (ibid., p. 110).

No conto *Negrinha* constata-se que as personagens são planas, como é comum nesse tipo de gênero textual, e também são personagens tipo: D. Inácia é a mulher rica, viúva sem filhos e ex-senhora de escravos, Negrinha é a criança negra e órfã. Contudo, mesmo Negrinha sendo uma personagem plana, constatamos nela certa transformação, pois desde o começo do conto o narrador chama atenção para os seus “olhos assustados”, que no fim da narrativa já não são mais assim, “perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.” (LOBATO, 1927), e o próprio narrador declara: “Sentia-se outra, inteiramente transformada.” (ibid.). Todavia, como Negrinha não possui várias facetas como é comum as

personagens redondas (MOISÉS, 2000, p. 113), continua sendo uma personagem plana, assim como as demais personagens do conto.

Outros conceitos que valem a pena ser destacados relacionam-se com a classificação das personagens quanto ao papel que desempenham no enredo: protagonistas, personagem principal; ou antagonistas, personagem que se opõe ao protagonista, o vilão da história (GANCHO, 2001). Com base nesses conceitos e tendo em vista a análise do conto *Negrinha*, observamos que D. Inácia desempenha o papel de antagonista, de vilã, enquanto Negrinha tem o papel de protagonista e o de vítima; e ainda que as sobrinhas de D. Inácia desempenham o papel de personagens secundárias.

A partir dos conceitos apresentados, no quadro comparativo a seguir, vemos como as personagens principais do conto *Negrinha* são caracterizadas pelo narrador:

Caracterização das personagens na voz do narrador		
Negrinha	D. Inácia	Sobrinhas de D. Inácia
Pobre órfã	Excelente	Pequenotas
Mulatinha escura	Gorda	Lindas meninas louras
Cabelos ruços	Rica	Ricas
Olhos assustados	Dona do mundo	Nascidas e criadas em ninho de plumas
Magra	Amimada pelos padres	Dois anjos do céu
Atrofiada	Virtuosa senhora/ Virtuosa dama	Alegres
Gato sem dono	Ótima	Pulavam
Não andava	Viúva sem filhos	Vivacidade de cachorrinhos novos
Corpo tatuado de sinais roxos, cicatrizes vergões	Boa senhora	Fidalgas
Mísera criança	Mestra na arte de judiar de crianças	

Triste criança	Vinha da escravidão	
Dolorosa martirzinha	Senhora de escravos,	
Bobinha	daquelas ferozes	
Coisa humana	“Santa”	

Tabela 2: Caracterização das personagens na voz do narrador.

Essa predicação do narrador a respeito das personagens visa torná-las verossímeis, uma vez que as personagens remetem a pessoas, como já mencionado. Mas, e quanto a predicação feita pelas personagens sobre Negrinha e D. Inácia? No início da narrativa o leitor pode constatar que D. Inácia era “amimada pelos padres”, informação destacada pelo narrador, e que o padre a considerava com grande estima, por isso diz a respeito dela: “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral” (LOBATO, 1927). No entanto, essa mesma senhora não era vista desse modo por uma de suas escravas, que afirmou: “Como é ruim, a sinhá!” (ibid.) e por isso ganhou uma surra com um chicote utilizado para castigar animais, o relho. Já sobre Negrinha, desde o começo, nota-se que é chamada de peste, tanto por D. Inácia quanto por sua mãe, que exclama “— Cale a boca, peste do diabo!!” (ibid.); a empregada nova também a chama de peste. Em outro momento, quando D. Inácia está conversando com suas sobrinhas sobre Negrinha, diz que era “Uma órfã...” (ibid.), utiliza-se de um tom de vítima para isso, com o objetivo de enaltecer a si mesma por sua caridade. Anteriormente, em seu diálogo com o padre, refere-se a Negrinha como “pobre órfã” (ibid.). Em contrapartida, no fim do conto, a última declaração de D. Inácia sobre Negrinha é bem diferente: “— Como era boa para um cocre!...” (ibid.). Já as sobrinhas de D. Inácia consideravam Negrinha uma boba (ibid.).

Vistos esses aspectos iniciais sobre as personagens, nos aprofundemos um pouco mais para entender como é a relação do narrador com as personagens, no sentido da aproximação entre eles. Começamos por D. Inácia, o narrador costuma adjetivá-la como “excelente”, “virtuosa senhora” ou “virtuosa dama”, “ótima”, “boa senhora”, “Santa”. No entanto, o faz de modo contraditório visto que as ações dessa personagem, que ele mesmo expõe, revelam alguém que, tomando como base o senso comum de uma pessoa boa ou má, não condiz com tal adjetivação, tais adjetivos parecem ser usados de modo irônico, como exemplifica o trecho abaixo:

Ótima, a D. Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da sua carne, e por isso não suportava o choro da carne escrava. Assim, mal vagia, longe na cozinha, a triste criança, gritava logo, nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí? (LOBATO, 1927)

Quanto a Negrinha, não a vemos sendo adjetivada como D. Inácia; na verdade, o narrador não diz se era boa ou má, nem mesmo em tom irônico. Chama-a, porém, de “dolorosa martirzinha”, “pobre órfã”, “triste criança”, entre outros predicados explicitados na Tabela 2. Os adjetivos usados para se referir a Negrinha revelam uma criança com uma vida de sofrimentos. Sobre as ações de Negrinha, percebe-se que é uma personagem na maior parte do tempo passiva, esse seu estado de coisa muda quando pela primeira vez brinca de boneca. Mas antes disso, a respeito da atitude de Negrinha que serviu de pretexto para a tortura com o ovo quente, o narrador não diz se a menina teve intenção maliciosa e premeditada, não conta nada que faça inferir algo do tipo, vejamos:

[...] Uma criada nova furtara do prato de Negrinha — coisa de rir — um pedacinho de carne que ela guardava para o fim. A criança não sofreu a revolta e atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam, todos os dias.

— “Peste”?? Espere aí!! Você vai ver quem é peste. E foi contar o caso à patroa. (LOBATO, 1927)

Entende-se que Negrinha estava se defendendo, ao contrário de D. Inácia que colocou um ovo para ferver a fim de esfriá-lo na boca da menina, e diante de tudo isso estava “gozando-se na prelibação da tortura” (ibid.).

Outro ponto significativo sobre o narrador e Negrinha é que ele se revela como porta voz da menina, sem ter a sensibilidade ou a revolta de alguém que entende os sofrimentos dela. Não a defende explicitamente, mas conta suas dores, do seu próprio ponto de vista, pois a personagem não possui lugar de fala por ser criança, negra, pobre e órfã. Além disso, o narrador se mostra contraditório diversas vezes, por fazer comentários que deixam pairando a dúvida se está tomando partido de alguma das personagens, ou se está sendo irônico, já que mais de uma vez coloca a expressão “coisa de rir” em meio a cenas dolorosas da personagem Negrinha.

Na narrativa, observamos que as “vozes” que mais aparecem e se destacam são a do narrador, a de D. Inácia, a do padre e a das sobrinhas de D. Inácia, e são eles que detém o poder; seja o poder do discurso, no caso do narrador, o poder do dinheiro, no caso de D. Inácia e suas sobrinhas ou o poder da religião, no caso do padre. Também aparecem falas rápidas de outras personagens que, diferentemente das mencionadas acima, pertencem a classe menos favorecida,

e, por isso, suas “vozes” não têm o mesmo poder; temos no conto as falas da mãe de Negrinha, de uma escrava que reclama da sinhá, de uma criada que furta um pedaço de carne do prato de Negrinha e da própria menina. Por isso, no nível do discurso percebe-se uma aproximação do narrador com aqueles que têm mais poder. Contudo, ele não é piedoso com eles, expõem seus atos, talvez como forma de deixar o leitor julgar por si mesmo.

D. Inácia é adjetivada o tempo todo por esse narrador, como já vimos, mas ele também reconhece sua dureza de coração na passagem: “Mas era tal a alegria das sobrinhas ante a surpresa estática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta que seu duro coração afinal bambeou. E pela primeira vez na vida soube ser mulher. Apiedou-se.” (LOBATO, 1927). O narrador reconhece a verdadeira face dessa personagem quando, discorrendo sobre a percepção e pensamentos de Negrinha afirma: “Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu nela a fera antiga.” (ibid.). Não o faz como um comentário propriamente seu, é a percepção de Negrinha que ele representa. Porém, deixa a cargo de outros julgar D. Inácia de fato, como o padre que a considerava virtuosa e a escrava que a enxergava como alguém ruim, e também ao leitor, como mencionado no parágrafo anterior.

Em determinados momentos parece que o narrador justifica as ações de D. Inácia: (I) porque era uma viúva sem filhos não suportava o choro da “carne escrava”; (II) porque fora senhora de escravos daquelas ferozes e não se afizera ao regime novo mantinha Negrinha consigo, para aliviar os seus frenesis; (III) porque estava azeda e muito necessitada de “derivativo” aplicou um castigo brutal em Negrinha. Mas ao mesmo tempo ele é extremamente irônico com ela, elogia querendo criticá-la.

Com relação a Negrinha, a reconhece como “dolorosa martirzinha”, “mísera criança”, “triste criança” e “gato sem dono” que aparecem duas vezes no conto, mas não assume o papel de seu defensor. Quando conta sobre sua morte, por exemplo, floreia muito para dizer que “Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza”. E ainda, nessa passagem o narrador mostra um olhar elitista, posto que, atentando para a visão dele, a morte de Negrinha só foi a morte com maior beleza porque no delírio ela foi rodeada de bonecas loiras de olhos azuis, carregadas de ideologia (BIGNOTTO, 1999), especificamente da ideologia da elite brasileira da época. Essa é uma visão que evidencia um certo racismo, já que a menina negra morreu rodeada pelo ideal de beleza que até as “crianças filhas da elite brasileira” desejavam ter (ibid.), esse foi o seu delírio, e só por isso o narrador considera essa morte bonita, bonita para ele.

Depois de descrever o delírio da menina tece a seguinte afirmação: “Depois, vala comum. A terra papou com indiferença sua carnezinha de terceira – uma miséria, quinze quilos mal pesados...” (LOBATO, 1927). Diante desse comentário fica ainda mais evidente o ponto de vista superior do narrador, uma interpretação possível para isso é que ele está incorporando o pensamento da sociedade da época, sendo indiferente à morte tão prematura de Negrinha. Ele não demonstra nenhum sentimento de revolta ou inconformidade, por isso afirma que “a terra papou com indiferença sua carnezinha de terceira” (ibid.), e como vimos, narra retratando essa morte como a mais bonita.

Diante de tudo o que foi estudado, podemos afirmar que o narrador quebra a pressuposta imparcialidade de um narrador em terceira pessoa, pois ideologicamente, em determinados momentos, se aproxima daqueles que detém alguma forma de poder. E mesmo assim, mostra as personagens como são, suas ações e pensamentos, e não esconde as crueldades praticadas por D. Inácia e sofridas por Negrinha. Esse fato permite ao leitor reconhecer e julgar as ações das personagens. Além disso, embora o narrador assuma um ponto de vista superior, reconhece a humanidade de Negrinha, e que ela tinha alma. Sendo assim, o que vemos é um narrador que abre portas para ver a crueldade, mas que ao mesmo tempo, em pequenas frases, evidencia um olhar de cima.

E quanto ao foco narrativo do conto *Negrinha*, como está organizado? Com o entendimento de que o foco da narrativa “é o ponto ou o ângulo através do qual o narrador nos conta a história.” (ABDALA JUNIOR, 1995, p. 25), e ainda, que este foco não é estático, mas que apresenta um ponto de vista dominante (ibid.), examina-se no conto estudado no presente texto que o foco narrativo predominante é o relato do narrador sobre a vida de Negrinha, este seleciona os fatos a serem narrados e contextualiza os acontecimentos para o leitor, uma vez que esses fatos são filtrados pela consciência dele (ibid.).

Nota-se, no foco narrativo deste conto, que as personagens não narram as cenas, apenas vivenciam-nas, e que quando é narrada a visita das sobrinhas de D. Inácia, principalmente, é utilizado o discurso indireto livre, em que o narrador discorre sobre os pensamentos, percepções e ações de Negrinha, sempre filtrados pelo narrador. E mesmo nos diálogos, sempre curtos e rápidos, percebe-se a voz do narrador, que é o mediador das falas das personagens como demonstra o trecho:

— Já, para o seu lugar, pestinha!! Não se enxerga?? Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral — sofrimento novo que se vinha somar aos já conhecidos, a triste criança encorajou-se no cantinho de sempre.

— Quem é, titia? perguntou uma das meninas, curiosa. — Quem há de ser?! disse a tia num suspiro de vítima. — Uma caridade minha. Não me corrijo, vivo criando essas pobres de Deus.. Uma órfã... Mas, brinquem, filhinhas!! A casa é grande. Brinquem por aí a fora!! (LOBATO, 1927)

Um fato importante que precisa ser salientado é que mesmo o narrador oscilando o foco de sua narração entre Negrinha e D. Inácia sempre volta sua atenção para a menina, e até mesmo o que conta sobre outras personagens tem influência direta na vida dela. Os holofotes do conto sempre se voltam para Negrinha. Por exemplo, quando narrador conta que D. Inácia foi senhora de escravos e que “Nunca se afizera ao regime novo [...]” isso tem consequências na vida de Negrinha, já que “O 13 de maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana. Conservava, pois, Negrinha em casa como remédio para os frenesis. Simples derivativo.” (ibid.). Nesse trecho o narrador também revela o ponto de vista da elite que perdeu a mão de obra escrava com o 13 de maio mencionado.

Pensemos agora sobre a posição do narrador do conto *Negrinha* diante dos problemas da época que o conto retrata. Para responder a essa questão é necessário lembrar que o autor do conto era fortemente engajado socialmente, isso fica claro em muitas de suas obras, tanto para o público infantil quanto para o público adulto (RODRIGUES, 2005). E também era muito contraditório, era contra a escravidão, como exemplifica o trecho de *História do mundo para as crianças*, de 1933, em que coloca na fala de uma das personagens: “Aqui no Brasil tínhamos também esse cancro da escravidão - e para a vergonha nossa fomos o último país do mundo a acabar com ela” (apud KOWALCZUK, 2012, p. 25). E também eugenista, adotando uma solução simplista para igualar as raças e acabar com a desigualdade, branqueando a todos os negros em seu romance *O Choque*, por exemplo.

No conto em questão aqui temos as ideias contra a escravidão de Lobato, por mais que ele deixe algumas pontas soltas, em pequenas frases, o que pode ser inferido do conto em um primeiro momento é a predominância da vontade do autor de evidenciar o contexto histórico social que Negrinha estava inserida (KOWALCZUK, 2012, p. 24). Outro ponto a ser levado em consideração é:

Sabendo que a literatura não é algo passível de neutralidade e que possui um discurso, é inegável que o conto é dotado de uma grande carga política e não

conformista, como se pode observar no trecho irônico: “Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo [...] Ótima, a Dona Inácia”. (ibid.)

Dessa maneira, é na voz do narrador que o autor retrata os problemas sociais da época Pós-Abolição, um período muito delicado na História do Brasil, em razão de ter sido também o momento de transição de um governo monárquico para um republicano.

Sendo assim, vemos que o posicionamento do narrador diante dos problemas da época que o conto traz é de expor, não apaziguando os fatos, reconhecendo a tortura como tortura, como observa-se quando conta sobre o episódio do ovo quente. Em certos momentos se aproxima mais daqueles que tem algum tipo de poder, como já mencionado, mas nunca deixa Negrinha no cantinho, escondida. Reconhece o sofrimento dessa criança, mesmo sem entendê-lo, e diferentemente dos personagens do conto a considera como ser humano e não coisa, como era tratada: “Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha alma” (LOBATO, 1927).

A ironia do narrador

Antes de analisar a ironia do narrador do conto *Negrinha*, compreendamos o que é ironia. Com base nos estudos de Douglas Colin Muecke em seu livro *Ironia e o Irônico*, vemos que esse é um conceito complexo, que ao longo dos anos foi se modificando. Para esta análise será adotado o conceito de ironia utilizado no século XX, por ser contemporâneo à obra de Monteiro Lobato.

Neste século, a ironia era tida como “a forma da escritura destinada a deixar aberta a questão do que pode significar o significado literal: há um perpétuo diferimento da significância.” (MUECKE, 2008, p. 48), desse modo esse conceito tem a ver com “dizer alguma coisa de uma forma que ative não uma mas uma série infindável de interpretações subversivas” (ibid.). Dito isto passemos à análise da ironia do narrador de *Negrinha*.

Nas primeiras linhas do conto o narrador dá o tom da sua ironia ao empregar em seu discurso: “Excelente senhora, a patroa.” (LOBATO, 1927); o faz logo após discorrer sobre onde Negrinha nasceu, de quem era filha, e as condições em que vivera os seus primeiros anos de vida, afirma: “Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.” (ibid.). Não há uma Lei que obrigue todos os(as) cidadãos(ãs) a gostarem de crianças, isso não pode servir como

juízo de valor para julgar alguém como bom ou mau, munidos apenas desse trecho do texto não poderíamos afirmar que o narrador está sendo irônico a respeito de D. Inácia, mas ele não para por aí.

Dado o tom de sua ironia, prossegue, mais um adjetivo é o que aparece, dessa vez “Ótima, a D. Inácia”, e na sequência:

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejara o choro da sua carne, e por isso não suportava o choro da carne escrava. Assim, mal vagia, longe na cozinha, a triste criança, gritava logo, nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí? (LOBATO, 1927)

Agora, irônico de fato, pois “O traço básico de toda ironia é um contraste entre uma realidade e uma aparência” (MUECKE, 2008, p.), por toda a narrativa permanece desse modo, apresentando predicados positivos a D. Inácia e mostrando uma realidade distinta. Outro exemplo que mostra a contradição da aparência diante da realidade se dá quando umas sobrinhas de D. Inácia vêm para passar as férias com ela, desde o início da narração essa personagem é apresentada ao leitor como alguém que não gostava de crianças e nem admitia seu choro, é tanto que a expectativa de Negrinha quando vê as meninas entrando na casa é de que sofram os mesmos castigos que ela. Mas a realidade é que essa senhora não admitia “o choro da carne escrava” e não gostava de crianças negras ou mulatas, pois diante de suas sobrinhas ria e deixava que brincassem por aí, ao contrário de Negrinha, que também era uma criança, que essa “boa senhora” colocava ao pé de si durante horas imobilizada; o susto no olhar de Negrinha não é sem razão, como pode ser observado:

Com pretexto de que, às soltas, reinaria no quintal, estragando as plantas, a boa senhora punha-a na sala, ao pé de si, num desvão de porta.

— Sentadinha aí, e bico!! Hem??

Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas. — Braços cruzados, já, diabo!!

Cruzava os bracinhos, a tremer, sempre com o susto nos olhos. (LOBATO, 1927)

Um exemplo da ironia do narrador que demonstra muito bem o conceito de ironia utilizado aqui está no fragmento seguinte, onde ele questiona a ideia que Negrinha faria de si tendo em vista nunca ter ouvido uma palavra de carinho, e a seguir apresenta uma série de nomes nada agradáveis empregados pelos adultos para se dirigir a menina. Logo em seguida comenta e utiliza a palavra “mimosear” ironicamente, dado que significa “tratar com mimo”, mas ironicamente tem o sentido de “maltratar, ofender, insultar” (Dicionário da Língua

Portuguesa, 2006). O narrador do conto expõe o texto ao leitor em um contexto que o estimula a “rejeitar seu significado literal exposto, em favor de um significado ‘transliterar’ não-exposto de significação contrastante.” (MUECKE, 2008, p. 58), como pode ser observado:

Que ideia faria de si essa criança, que nunca ouvira uma palavra de carinho? Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, biscoito, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo – não tinham conta o número de apelidos com que a mimoseavam. (LOBATO, 1927)

Outros momentos de grande ironia do narrador estão nos seguintes trechos:

Trecho 1

A excelente D. Inácia era mestra na arte de judiar de crianças. Vinha da escravidão, fora senhora de escravos e daquelas ferozes, amigas de ouvir contar o bolo e estalar o bacalhau. Nunca se afizera ao regímen novo — essa indecência de negro igual a branco; e qualquer coisinha, a polícia!! “Qualquer coisinha”; uma mucama assada ao forno, porque se engraçou dela o senhor; uma novena de relho, porque disse: — “Como é ruim, a sinhá!”.... (ibid.)

Trecho 2

E voltou contente da vida para o trono, a virtuosa dama, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah! Monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha de Cesária; mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes! exclamou o padre.

— Sim, mas cansa...

— Quem dá aos pobres, empresta a Deus! A virtuosa senhora suspirou piedosamente:

— Inda é o que vale... (ibid.)

No Trecho 1 vemos claramente o contraste, “A excelente D. Inácia era mestra na arte de judiar de crianças”; o que o narrador está fazendo é “censurar por meio de um elogio irônico” (MUECKE, 2008, p. 31), caso o contrário não poria essas ideias contraditórias. E não para por aí, ao que parece ser uma fala de D. Inácia, explica o que seria “Qualquer coisinha”, mais uma vez contrastando a aparência, que nesse caso tem a ver com a consideração indiferente de D. Inácia diante das atrocidades que praticava, e a realidade exposta. Já no Trecho 2, logo após ter acontecido uma tortura com Negrinha o narrador coloca o diálogo entre D. Inácia e o vigário, e antes disso mais um adjetivo “a virtuosa dama”, contrariando totalmente a ideia de virtude – “disposição habitual para a prática do bem; probidade; retidão.” (Dicionário da Língua

Portuguesa, 2006) –, este diálogo entre o vigário e D. Inácia será mais explorado no capítulo seguinte.

Fica evidente que todo o discurso do narrador sobre D. Inácia é irônico quando afirma: “Mas era tal a alegria das sobrinhas ante a surpresa estática de Negrinha, e tão grande a força irradiante da felicidade desta, que *o seu duro coração* afinal *bambeou*. E pela primeira vez na vida soube ser mulher. *Apiedou-se*.” (LOBATO, 1927). E ainda quando na sequência aparece que “Negrinha ergueu os olhos para a patroa, olhos ainda de susto e terror. Mas não viu nela a *fera antiga*.” (ibid.), revela a verdade sobre D. Inácia, alguém sem piedade, uma verdadeira “fera”, como já vimos anteriormente nesse capítulo.

Uma expressão do narrador que gera certas dúvidas, como já mencionado anteriormente, é “coisa de rir”, visto que aparece duas vezes no conto, em meio a situações nem um pouco engraçadas. Vejamos: (I) “Mão em cujos nós de dedos comichasse um cocre, era mão que se descarregaria dos fluidos em sua cabeça, de passagem. Coisa de rir, e ver a careta...” (ibid.); (II) “[...] Uma criada nova furtara do prato de Negrinha – coisa de rir – um pedacinho de carne que ela guardava para o fim. A criança não sofreu a revolta e atirou-lhe um dos nomes com que a mimoseavam todos os dias.” (ibid.).

Uma hipótese que pode ser levantada para o uso dessa expressão está ligada a alguns sentimentos gerados pela ironia, pois alguns ironistas e partidários da ironia podem ter seu caráter refletido nos sentimentos de superioridade, desinteresse, satisfação e divertimento que caracterizam a ironia (MUECKE, 2008, p. 69), no caso do uso da expressão mencionada no parágrafo anterior, ao que parece, se trata de um sentimento de divertimento com o sofrimento, com a miséria de Negrinha, algo que evidencia mais seu ponto de vista superior do narrador. Ele não se diverte apenas com isso, mas também com sua ironia a respeito de D. Inácia, que era uma mulher praticando todas essas atrocidades.

No entanto, essa ironia, se não for percebida pelo leitor pode causar problemas na interpretação da obra, sendo que a ironia “é um jogo para dois jogadores”, e esse jogo “é jogado quando existe [...] não só uma peripécia ou inversão na compreensão do leitor, mas também uma ‘anagorise’ ou reconhecimento do ironista e de seu verdadeiro intento por trás da pretensão.” (MUECKE, 2008, p. 58). Nesse sentido, o narrador do conto passa uma informação real a seus leitores, no sentido de que o texto carrega em si as ferramentas necessárias para alcançá-la (ibid., p. 60).

E ainda, “a ironia não está apenas em ver um significado ‘real’ por baixo de um ‘falso’, mas em ver uma dupla exposição... numa chapa fotográfica” (RODWAY, 1962, p. 113, apud MUECKE, 2008, p. 65), “Mas, ainda que vejamos o “falso” como falso, ele é, e deve ser se tiver de ser ironia, apresentado como real.” (ibid.). Então, quando o narrador ironiza D. Inácia chamando-a de “boa senhora”, por exemplo, ele o faz deixando claro que ela era considerada assim pelo padre e por si mesma, através da fala deles, essa falsa predicação é apresentada como real, e também por isso, é irônica.

CAPÍTULO II

Negrinha: o negro no Pós-Abolição

“O 13 de maio tirou-lhe das mãos o azorrague, mas não lhe tirou da alma a gana” (LOBATO, 1927). Essa é a única data em que o narrador do conto *Negrinha* informa dia e mês, e pelo contexto em que está colocada, infere-se o ano, 1888. Referindo-se, assim, ao dia em que foi assinada a Lei Áurea abolindo a Escravidão no Brasil. Nesse capítulo estudaremos, em primeiro lugar, como o negro era tratado Pós-Abolição e como isso é exposto no conto, tendo em vista que não é uma data fictícia e que o conto retrata a sociedade daquela época.

A Abolição da Escravidão no Brasil foi tardia e um processo gradual, sendo o último país da América a abolir a Escravidão. Porém, antes da assinatura da Lei Áurea outros dispositivos já inviabilizavam a manutenção do trabalho escravo. Por causa da pressão exercida pela Inglaterra, que ao final do século XIX era uma potência industrial, em 1850 foi assinada a Lei Eusébio de Queiróz, que extinguiu o tráfico de escravos para o Brasil. Todavia, essa pressão exercida pelo país europeu era motivada por questões econômicas, e não humanitárias, porquanto o país visava expandir o seu mercado consumidor, e para isso lhe convinha mais converter a mão de obra escrava em assalariada.

Anos mais tarde, em 1871, era promulgada a Lei do Ventre-Livre¹ que, como o próprio nome sugere, tornava livres todas crianças filhas de escravos nascidas a partir da data da publicação dessa Lei. E além disso, determinava que os senhores de escravos mandassem ensinar a ler e escrever a todas as crianças nascidas livres, mas na prática isso não acontecia, era considerado um desperdício de dinheiro (Ina von Binzer apud. BIGNOTTO)². Passados catorze anos, em 1885 era assinada a Lei dos Sexagenários, conduzindo à liberdade os negros com mais de 65 anos, o que na realidade não gerou tantas mudanças assim, já que pelas condições em que os escravos viviam eles não chegavam a idades avançadas.

Conforme os estudos de Florestan Fernandes, nota-se que durante os anos da Escravidão os negros viveram em dependência social extrema, não participando de maneira autônoma das

¹ Todas as citações e informações sobre as Leis que levaram ao fim da escravidão foram retiradas do texto de Livia Machado, publicado no Jornal do Estado de Minas.

² Essa referência foi retirada do texto *Monteiro Lobato e a infância na república velha* de Cilza Carla Bignotto.

formas mínimas de vida social, como família e outros grupos primários de que os brancos eram favorecidos (1972, p. 37). Retornando aos anos da Abolição, Gilberto Maringoni observa que a campanha que culminou na libertação de todos os escravos de fato mobilizou diversos setores da sociedade brasileira. No entanto, após a data de assinatura da Lei Áurea os negros ficaram à margem, sendo que não foram realizadas reformas que os integrassem socialmente. E ainda, “por trás disso havia um projeto de modernização conservadora que não tocou no regime do latifundiário e exacerbou o racismo como forma de discriminação” (MARINGONI, 2011).

Ressaltando as ideias anteriores, temos o comentário de Rita Terezinha Schmidt sobre o livro *Formação do Brasil contemporâneo* de Caio Prado Junior, em que ele deixa claro que os processos políticos implantados no Brasil com a finalidade de modernizá-lo, adequando-o ao capitalismo, conservaram “elementos da antiga ordem: o latifúndio, o patronato, e o clientelismo”. Todos esses arranjos políticos tiveram repercussão de caráter autoritário e excludente na vida social, encobrendo “as disparidades econômicas e sociais do país, deixando intocável o sistema patriarcal ou a velha ordem” (SCHMIDT, 2006, p. 779).

Dessa maneira, notamos que o regime abolido não desapareceu totalmente após a Abolição, continuou no comportamento, na mentalidade e até mesmo na organização das relações sociais dos homens (FERNANDES, 1965, p. 193). E nas palavras de Hebe Castro:

Costuma-se alegar que aos libertos nada foi concedido além da liberdade. Nem terras, nem instrução, nem qualquer reparação ou compensação pelos anos de cativeiro. Eles foram entregues à própria sorte, o que podia ser especialmente dramático para idosos e órfãos (...). No contexto da época, (...) a legislação que se esperava tinha por base a idéia de tutela do Estado sobre o liberto, forçando-o a continuar na propriedade em condições cujos termos deviam ser definidos pelo ex-senhor. (apud BIGNOTTO)

As condições de vida definidas pelo ex-senhor de escravos poderiam ser muito difíceis, tanto quanto as condições que a personagem D. Inácia impunha à Negrinha. A mentalidade escravocrata perdurava na elite brasileira, até porque “Costumes seculares não são abolidos por leis [...]” (BIGNOTTO)³. Em *Negrinha* isso é evidenciado mais de uma vez, como vemos no trecho “Nunca se afizera ao regime novo – essa indecência de negro igual a branco [...]” (LOBATO, 1927) e na citação apresentada no início desse capítulo.

³ Essa citação e a anterior foram retiradas do seguinte texto de Cilza Carla Bignotto: *Monteiro Lobato e a infância na república velha*.

Como resultado de todo esse saudosismo de D. Inácia a respeito da Escravidão, a personagem Negrinha sofria todo tipo de castigos, verbais e físicos, era para isso que D. Inácia mantinha a menina consigo, e não contente com o que considerava judiaria miúda “de quando em quando vinha um castigo maior para desobstruir o fígado e matar as saudades do bom tempo” (LOBATO, 1927).

A condição do negro no fim do século XIX e início do século XX está representada quando o narrador diz: “Órfã aos quatro anos, ficou por ali, feita gato sem dono, levada a pontapés.” (ibid.). Essa citação revela, em suma, a condição lastimável do negro que ficou abandonado como “gato sem dono”, assim como Negrinha. Nas palavras de Gilberto Maringoni: “Os ex-escravos, além de serem discriminados pela cor, somaram-se à população pobre e formaram os indesejados dos novos tempos, os deserddados da República.” (2011).

As classes sociais em *Negrinha*

Prossigamos na análise do conto de um ponto de vista social, mas sem perder de vista os aspectos literários. Como obra que busca retratar a sociedade Pós-Abolição, o conto *Negrinha* não deixa de evidenciar as relações de classe social da época. No quadro comparativo a seguir observamos as classes sociais que as personagens figuram.

Posição Social das Personagens	
Negrinha	D. Inácia
Pobre	Rica
Criança	Adulta
Filha de escrava	Ex-senhora de escravos

Tabela 3: Posição social das personagens

As primeiras informações que o narrador fornece sobre Negrinha, sua “ficha”, como diz Bignotto (1999), serve para mostrar o lugar que ocupava na sociedade brasileira: “Nascera na

senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos de vida, vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos. Sempre escondida [...]” (LOBATO, 1927). O fato de Negrinha aparecer pela primeira vez na cozinha explicita o espaço ocupado por ela dentro da casa de D. Inácia. A cozinha era considerada “o lugar das mulheres”, um lugar “consagrado ao ‘sexo frágil’” pela sociedade patriarcal, onde Negrinha ocupava um papel passivo no grupo das criadas negras, duplamente passivo, o que a tornava ainda mais “coisa” (BIGNOTTO, 1999).

Como adulta e rica vemos que D. Inácia, apesar de ser mulher – sendo que as mulheres da sociedade patriarcal do fim do século XIX e início do século XX não eram ativas na sociedade –, tem voz ativa, são várias as vezes que a personagem expressa ordens, especialmente a Negrinha; não é à toa que o narrador afirma que ela dava audiências e discutia o tempo com suas amigas e o vigário. Ao passo que Negrinha não tem voz ativa, nem nome, muito menos família – “tem dona, que não cuida dela” (BIGNOTTO, 1999) –, e tampouco lugar na cozinha, na casa, ou na sociedade. Segundo Carla Cilza Bignotto, “Não é à toa que aparece como um ‘gato sem dono’ – sua condição é quase a mesma de um animal. ‘Aprendeu a andar, mas quase não andava’” (ibid.).

Por ser criança, negra, pobre e órfã, Negrinha tinha até o direito de se expressar negado. Uma das personagens mais lembradas de Monteiro Lobato é conhecida por falar demais, a boneca Emília do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, que “era de gênio teimoso e asneirenta” (apud BIGNOTTO, 1999). Diferentemente dela, Negrinha não pode dizer asneiras, sob o risco de ser cruelmente castigada, como quando, se defendendo, dirige à empregada nova um dos nomes que usavam no seu tratamento (ibid.). Negrinha imobilizava-se horas em um cantinho, e não podia falar; brincava apenas em sua imaginação, mais um direito negado a essa criança. Como apontam os estudos de Bignotto, talvez toda essa fascinação de Negrinha com a “bocarra” do cuco, e que “seu único passatempo, antes da boneca, seja vê-lo ‘cantar as horas’”, se dê em razão da negação do direito de se expressar (ibid.). E até quando pela primeira vez sua voz, de fato, aparece em sua conversa com as sobrinhas de D. Inácia, o faz timidamente, e são elas que tomam a iniciativa de prolongar o diálogo fazendo perguntas, e até a boneca delas fala “papá”; é importante ressaltar que esse diálogo só é possível porque em um único nível elas se aproximam, pelo fato de serem crianças.

Retornemos ao ponto inicial do conto, seu título e também o nome da personagem principal, Negrinha. A primeira informação que temos da identidade de um indivíduo é o seu

nome, o nome “inicia a existência religiosa e civil da criatura. O pagão é apenas uma perspectiva de direitos até que lhe imponham o nome” (CASCUDO apud BIGNOTTO, 1999). Sem o nome não há identidade social ou individual, documentos ou batismo como ressalta Cilza Carla Bignotto. Então, a personagem Negrinha não tem nome e sim apelido, que poderia ser considerado um modo carinhoso de tratamento levando em consideração o contexto dos costumes do Brasil. Mas quando o narrador apresenta a lista de nomes com que os adultos “mimoseavam” Negrinha tudo isso vai por água a baixo (BIGNOTTO, 1999). Era esse o tratamento de todos para com essa criança, que teve até a identidade de um nome próprio negada, até mesmo o narrador que desde o início do conto assume esse nome que todos davam a ela.

Já D. Inácia tinha mais que um nome próprio, detinha o poder dos recursos financeiros, e enquanto Negrinha era uma criança pobre D. Inácia era uma adulta rica. O lugar de D. Inácia na sociedade é salientado pelo narrador quando usa a palavra “trono” quatro vezes na narrativa, na maioria das vezes ligada a ela, ou fazendo referência ao lugar próprio dela, onde não tinha espaço para Negrinha, por isso ela ficava no canto da sala. Temos o seguinte: (I) “Entaladas as banhas no trono uma cadeira de balanço na sala de jantar, — ali bordava, recebendo as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo.” (LOBATO, 1927) (II) “— Eu curo ela! disse, desentalando as banhas do trono e indo para a cozinha, qual uma perua choca, a rufar as saias.” (ibid.) (III) “E voltou contente da vida para o trono, a virtuosa dama, a fim de receber o vigário que chegava.” (ibid.) (IV) “Negrinha, do seu canto, na sala do trono, viu-as irromperem pela casa adentro como dois anjos do céu, alegres, pulando e rindo numa vivacidade de cachorrinhos novos” (ibid.). Desse modo, a imagem construída pelo narrador acerca de D. Inácia era de alguém que em sua casa se assemelhava a uma monarca, destaca-se fortemente essa figura em (I), onde observamos que a personagem recebia suas amigas e o vigário e dava audiências.

A classe social que Negrinha representa no conto não tinha espaço naquela sociedade, que dirá na “sala do trono” de D. Inácia. Essa criança ficava “pelos cantos escuros da cozinha, sobre farrapos de esteira e panos imundos.”, ou “num desvão de porta”, sempre em um cantinho qualquer, escondida, assumindo um papel totalmente passivo. E na sala do trono de D. Inácia ela reinava, junto com as princesas, suas sobrinhas, e Negrinha era a boba da corte. Percebemos que até mesmo em seu físico a condição social de Negrinha é acentuada por ser magra e atrofiada, mal pesava quinze quilos. Sua magreza é consequência da pobreza e principalmente

dos maus tratos. Já D. Inácia é gorda, elemento que alude a sua riqueza, desentalava “as banhas do trono”.

Outro ponto de destaque nas questões sociais que o conto traz tem a ver com a discriminação e segregação raciais. Antes de detectar esses elementos no conto é importante entendê-los. Recorrendo aos estudos de Florestan Fernandes vemos que a discriminação praticada no Brasil faz parte da “herança social da sociedade escravista”. O autor salienta que nesse mundo onde o “negro” e o “branco” se relacionavam como escravo e senhor, o senhor branco tinha prerrogativas que o negro se quer podia possuir, porque era como “coisa” e “fôlego vivo”, um tipo de “instrumento animado das relações de produção”. E como vimos, a transição da “sociedade escrava para a sociedade livre não aconteceu em condições ideais”. Desse modo, o negro e o mulato “viram-se submergidos na economia de subsistência, nivelando-se, então, com o ‘branco’ que também não conseguia classificar-se socialmente, ou formando uma espécie de escória da grande cidade, vendo-se condenados à miséria social mais terrível e degradante” (1972, p. 42).

A personagem Negrinha exemplifica bem as ideias de Florestan Fernandes postas acima, tratada como “coisa” por todos, vivia miseravelmente. As questões da discriminação e segregação se mostram acentuadas no tratamento desigual entre crianças negras e brancas, não é sem razão a dor moral que Negrinha sente, como observamos no trecho:

Mas logo a dura lição da desigualdade humana chicoteou a sua alma. Beliscão no umbigo e nos ouvidos o som cruel de todos os dias:

– Já para o seu lugar, pestinha!! Não se enxerga?? Com lágrimas dolorosas, menos de dor física que de angústia moral – sofrimento novo que se vinha somar aos já conhecidos [...] (LOBATO, 1927)

Além disso, vê-se o racismo nas palavras dirigidas à Negrinha: “Pestinha, diabo, coruja, barata descascada, bruxa, pata choca, pinto gorado, mosca morta, sujeira, biscoito, trapo, cachorrinha, coisa ruim, lixo — não tinha conta o número de apelidos com que a mimoseavam.” (ibid.). Naquela sociedade ninguém enxergava as injustiças sofridas por essa criança, isso fica claro quando depois do episódio com o ovo quente e dos urros de dor de Negrinha nada foi feito, “Nem os vizinhos chegaram a perceber aquilo”.

Considerando tudo o que foi estudado, vemos que as questões de classe social postas nessa obra revelam as disparidades em questões básicas desde o porte físico das personagens que revelam sua condição social, até o ato de falar, ou a usurpação do direito de Negrinha de

usufruir da infância, sua condição social não lhe permitia isso, ao passo que D. Inácia era “dona do mundo”.

O clero católico em *Negrinha*: do seu papel à crítica

Antes de pensar sobre o papel do clero católico no conto *Negrinha*, vejamos qual era o papel dele na sociedade brasileira. No Brasil, da Colônia à República, existia um forte vínculo entre Estado e Igreja, especificamente a Igreja Católica Apostólica Romana que se unia à Coroa Portuguesa. Na Europa do século XVI o cenário visto era o da Reforma Protestante que conquistava adeptos por todas as partes, incluindo muitos católicos que se convertiam ao protestantismo. Esse era um problema para a Igreja Católica lusitana, cuja saída estava nas terras brasileiras, onde poderiam alcançar novos fiéis (ARNOLD, 2017, p. 161). Dessa forma, a Igreja Católica se tornou uma força auxiliadora no “processo de expansão marítima e implantação das colônias” (ANDRADE apud FERREIRA, 2011, p. 19). A afirmação a seguir explícita bem isso:

Neste contexto, Igreja e Coroa Portuguesa estreitavam suas relações, unindo forças na conquista das riquezas e das almas além-mar. Isso porque, colonização e evangelização faziam parte de um grande empreendimento, no qual a cruz e a espada configuravam-se como elementos indissociáveis na conquista da América. Dessa forma, a Igreja surge como principal legitimadora das ações das Coroas Ibéricas, incluindo a escravização dos africanos (COSTA apud FERREIRA, 2011, p. 19)

Segundo apontam os estudos de Heloísa Gomes Toller, no contexto escravocrata, o discurso religioso no Brasil Colônia se revelou uma forma eficiente de controle social, na medida em que oferecia a legitimação social do catolicismo dos senhores. Esse discurso perdurou, sendo “pautado pela escravidão, e a catequese do negro desenvolveu-se no quadro da família patriarcal, inserida no triângulo ‘casa-grande, senzala, capela’ a que se refere Gilberto Freyre” (1989, p.77). A autora salienta também que foram criados códigos éticos e comportamentais nas relações inter-raciais durante o período vigente da escravidão, códigos estes que se apoiavam no discurso religioso e “traçaram formas específicas de comportamento social que trariam como consequência formas específicas de identidade racial e regras de alocação na hierarquia de estratificação” (TOLLER, 1989, p. 75). Essa ética religiosa também tinha como códigos ideológicos a afirmação da superioridade do branco de ascendência europeia sobre o não europeu e do cristão sobre o não cristão (ibid., p. 76). E em meio a tudo

isso estava, também, o pensamento do civilizado que “chegava até a entrar em dúvida, se o africano ou o índio tinha alma e os mais tolerantes mal a concediam somente depois de batizado” (QUERINO, 1980, p. 152). De um modo geral podemos perceber que:

A aceitação da ordem escravista foi parte fundamental da aliança quinhentista entre a Igreja e o Estado que assim perdurou, com todos os seus percalços, por mais alguns séculos. No entanto, após o inicial fervor missionário, o discurso religioso perdeu muito de sua força e gradualmente retraiu-se em relação ao temas políticos, endossando o escravismo mais por omissão do que por afirmações categóricas e negando seu apoio ao abolicionismo emergente. A apatia clerical foi bem percebida por observadores argutos como Joaquim Nabuco que, em o Abolicionismo (1883), comentava com certa amargura: “Nem os bispos, nem os vigários, nem os confessores, estranham o mercado de entes humanos (...)” (TOLLER, 1989, p. 78)

Florestan Fernandes, aponta que o catolicismo gerou um “drama moral para os antigos senhores de escravos”, já que a escravidão se chocava com “os mores cristãos”; e disso surgiu “a tendência a disfarçar a inobservância dos “mores”, pela recusa sistemática do reconhecimento da existência de um preconceito que legitimava a própria escravidão.” (FERNANDES, 1972, p. 41). O autor indaga que “Sem a ideia de que o “Negro” seja “inferior” e necessariamente “subordinado” ao “branco”, a escravidão não seria possível num país cristão.” (ibid., p. 42).

Voltemos agora a obra aqui analisada, podemos observar a presença de uma figura religiosa que mesmo não sendo uma das personagens principais tem relevância na história contada pelo narrador. Não sabemos seu nome, ou características físicas, isso não importa, mas sua presença é mencionada duas vezes no conto:

(I) Entaladas as banhas no trono uma cadeira de balanço na sala de jantar, — ali bordava, recebendo as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora, em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o padre. (LOBATO, 1927)

(II) E voltou contente da vida para o trono, a virtuosa dama, a fim de receber o vigário que chegava.

— Ah! Monsenhor! Não se pode ser boa nesta vida... Estou criando aquela pobre órfã, filha de Cesária; mas que trabalhadeira me dá!

— A caridade é a mais bela das virtudes! exclamou o padre.

— Sim, mas cansa...

— *Quem dá aos pobres, empresta a Deus! A virtuosa senhora suspirou piedosamente:*
— *Inda é o que vale...* (ibid.)

Atentando neste momento para o papel que essa figura religiosa desempenha na história desse conto, podemos dizer que assume o mesmo papel que a Igreja Católica tinha na sociedade brasileira, o vigário legitima o poder de D. Inácia, que vive de acordo com os “códigos éticos” que o discurso religioso dele exige, retomemos sua fala: “‘dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral’, dizia o padre.” (ibid.). Assim como os religiosos que se omitiram diante do abolicionismo, vemos a omissão do vigário diante da tortura, mas o que poderia ser esperado se até mesmo os vizinhos não perceberam nada? Na conversa dele com D. Inácia observamos a reclamação desta por ter que cuidar de Negrinha, ao passo que o vigário não questiona os motivos de sua reclamação, pelo contrário, tenta animá-la a ser caridosa como pode ser visto em (II).

Antes de prosseguir na análise dos trechos, vale a pena atentar para o que Schmidt expõe em seus estudos a respeito da cordialidade, um mito na sociedade brasileira:

O que recentemente tem sido colocado em discussão na tese, hoje clássica, da cordialidade como um elemento definidor da brasilidade é o limite de sua aplicabilidade, isto é, o conceito só se refere às relações entre iguais, portanto, diz respeito aos comportamentos entre segmentos da classe dominante (LEITE apud SCHMIDT, 2006, p. 774)

Desta forma, todo o tratamento do vigário para com D. Inácia, e vice-versa, é permeado por essa cordialidade, que só tem aplicabilidade entre iguais.

Dando continuidade à reflexão sobre as críticas que podem ser feitas ao clero, representado no conto pelo vigário, temos algumas considerações a fazer ainda, especificamente sobre o segundo momento em que o padre aparece no conto.

O contexto da chegada do vigário, no trecho (II), para mais uma de suas costumeiras conversas com D. Inácia, como mostra o trecho (I), é de um doloroso castigo aplicado pela “virtuosa dama”, que vai ao encontro do “monsenhor” para conversar sobre caridade. Entendendo que a caridade é: “1. Bondade, benevolência, generosidade 2. Compaixão 3. Ato de beneficência 4. Esmola” (Dicionário da Língua Portuguesa, 2006). Notamos então a contradição dessa conversa, pois a maneira que D. Inácia trata Negrinha nada tem de caridosa. Aqui figura a hipocrisia do padre, que focaliza na senhora rica e se esquece, ou não enxerga a criança totalmente necessitada que vive na mesma casa. Sendo assim, percebemos que o vigário paparicava D. Inácia pelo fato dela ser rica, e enquanto isso deixava Negrinha de lado, essa

criança que também era humana como a patroa, mas que para o clero, em razão da herança colonial e da ideia trazida desde a fundação do país, por ser negra não tinha alma.

Então, a suposta caridade é apenas uma maneira da senhora tentar mostrar para os outros que é superior e por isso “cria essa pobre órfã”. Portanto, a ideia de caridade aparece como uma forma de mostrar superioridade, onde na verdade deveria existir um sentimento de solidariedade em que se uma pessoa ajuda outra é por considerá-la igual a si e não para mostrar-se superior como faz D. Inácia, inclusive quando suas sobrinhas estão em sua casa.

Negrinha e as duas meninas ricas: um breve contraste

Agora, voltemos nossa atenção para os contrastes entre Negrinha e as sobrinhas de D. Inácia. O primeiro ponto é que Negrinha tem apelido, quanto as meninas ricas, não sabemos seus nomes, então de certa forma, o narrador nega uma identidade tanto a Negrinha quanto a elas. Outro ponto é que no universo que o narrador cria, Negrinha é a personagem principal, enquanto as meninas loiras são as figurantes, pois em todo o conto temos os holofotes se voltando para Negrinha, enquanto as duas meninas aparecem duas vezes no conto, no dezembro de suas férias e após a morte de Negrinha.

Brevemente, o narrador discorre sobre algumas características das duas meninas, elas eram “[...] pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.” (LOBATO, 1927), bem diferentes de Negrinha que “era uma pobre órfã de sete anos. Preta?? Não. Fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.” (ibid.), são essas as primeiras informações acerca dessas crianças. E como apontam os estudos Priscyla Dias Kowalczyk, “no conto percebe-se elementos celestiais iguais quando as sobrinhas de Dona Inácia são descritas – em detrimento de Negrinha, que é apenas referida como a cor de sua pele: ‘mulatinha escura’.” (2012, p. 22). Então, o que temos é a associação do branco com o que é divino e bom (ibid., 23).

O narrador retrata em seguida a percepção e expectativas de Negrinha quando viu as sobrinhas de D. Inácia adentrarem na casa, como pode ser visto:

Negrinha, do seu canto, na sala do trono, viu-as irromperem pela casa adentro como dois anjos do céu, alegres, pulando e rindo numa vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir sobre os anjos invasores o raio dum castigo tremendo. (LOBATO, 1927)

O contraste mais gritante que pode ser percebido é a maneira como Negrinha e as meninas ricas eram tratadas, não é sem razão as expectativas tão negativas de Negrinha, totalmente frustradas, e pior que isso para ela é ser castigada enquanto as meninas loiras podiam brincar soltas pela casa. Outro contraste está na fala, como já foi mencionado anteriormente nesse capítulo, Negrinha tem uma voz passiva, ela não se dirige a D. Inácia em nenhum momento, enquanto as outras meninas conversam livremente com sua tia. A conversa delas tem um certo tom de maldade das “fidalgas”, como as chama o narrador, que riem da ingenuidade de Negrinha, mas ao mesmo tempo oferecem a ela o objeto que possibilita sua conscientização, a boneca, e brincam junto com Negrinha.

Portanto, conforme mostram os estudos de Cilza Carla Bignotto, “Esse conto põe para brincar juntas crianças símbolos de duas classes sociais, separadas por um abismo econômico e ideológico, e unidas por um modelo de ser ideal, pretendido para ‘o país do futuro’.” (1999).

A boneca como símbolo e suas facetas

Quando produz o objeto boneca, o homem projeta e modela nele a imagem de ser humano ideal que traz dentro de si, de acordo com os horizontes históricos, sociais, religiosos e estéticos de sua cultura. A boneca representa, portanto, não uma criança, mas o ideal de criança ou de adulto de um determinado grupo social; é a projeção, em forma de roupas e aparência física, dos valores deste grupo. (BIGNOTTO, 1999)

É nas palavras de Cilza Carla Bignotto que passamos ao entendimento do que está por trás da produção da boneca, as ideologias daqueles que fabricam e compram-nas. No Brasil, o “modelo de ser ideal, pretendido para o ‘país do futuro’” era importado da Europa (BIGNOTTO, 1999). O conto *Negrinha* deixa explícita a ideologia que esse objeto carrega. Era esse o modelo ideal de criança da elite, no qual Negrinha não se encaixava.

Atentemo-nos em um primeiro momento à percepção da menina ao ver pela primeira vez a boneca:

Que maravilha! Um cavalo de rodas!... Negrinha arregalava os olhos. Nunca imaginara coisa assim, tão galante. Um cavallinho! E mais... Que é aquilo? Uma criancinha de cabelos amarelos... que fala “papá”... que dorme...

Era de êxtase, o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial. (LOBATO, 1927)

Segundo apontam os estudos de Bignotto, Negrinha percebeu que a boneca das sobrinhas de D. Inácia era “uma criança artificial”. Temos um quadro interessante aqui, “uma criança real, brasileira, pobre e sofrida” apreciando “a forma que deveria ter para ser considerada criança pelos adultos que ditavam os valores ideológicos do país” (BIGNOTTO, 1999). Forma essa que grande parte da população brasileira não tinha, nem tem, já que somos fruto da miscigenação.

Observemos o que parece ser óbvio, a boneca é um objeto, uma coisa, que tem nome se lhe impõe o seu dono, e agora passemos ao que não é tão evidente assim, considerando a boneca dessa maneira percebe-se que “Negrinha é a boneca de D. Inácia” (BIGNOTTO, 1999). Como vimos no capítulo anterior, conservada com a patroa como “remédio para os frenesis”, o que explicaria os “sinais roxos, cicatrizes, vergões”, espancamentos tatuados no corpo da criança: “[...] como as marcas que as crianças deixam em alguns brinquedos. Boneca que não corresponde, porém, ao ideal físico imaginado para as bonecas da época. Razão pela qual, talvez, receba apenas os croques, e não carinhos.” (ibid.). Isso figura como resquício ou consequência do “culto das bonecas louras de olhos azuis”, que se tornou contaminador:

O culto das bonecas louras e de olhos azuis entre as meninas da gente mais senhoril ou rica do Império deve ter concorrido para contaminar algumas delas de certo arianismo; para desenvolver no seu espírito a idealização das crianças que nascessem louras e crescessem parecidas às bonecas francesas; e também para tornar a francesa o tipo ideal de mulher bela e elegante aos olhos das moças em que depressa se transformavam nos trópicos aquelas meninas. (FREYRE apud BIGNOTTO, 1999)

Essa fala de Gilberto Freyre, corrobora com “a ideia de que uma criança negra não era considerada uma criança na época de Negrinha. E mesmo para uma boneca, ela estava longe do ideal [...]” (ibid.). Ademais, a boneca no conto aqui estudado possui duas facetas, a primeira delas está atada à conscientização de Negrinha e a segunda simboliza a prisão das mulheres em uma sociedade machista. Estudaremos esse segundo aspecto da boneca na parte seguinte desse capítulo. Regressando à faceta que permitiu a tomada de consciência de Negrinha, nota-se que essa transformação principiou no ato da fala, a curiosidade infantil impulsionou a criança ao breve diálogo com as “fidalgas”. Adiante, nas últimas passagens da obra a mudança da menina fica notória, os seus olhos não a escondem. Voltando ao início, quando o narrador apresenta a personagem Negrinha, em sua caracterização destaca os “olhos assustados” (LOBATO, 1927) da menina; e ao longo da narrativa a palavra olhos é empregada treze vezes, das quais sete fazem menção ao “susto” e “terror” que Negrinha trazia no olhar. Depois da boneca os olhos

da personagem mudam, passa a tê-los “nostálgicos” e “cismarentos”, como explicita o trecho: “Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.” (LOBATO, 1927).

Antes da boneca, as condições de vida de Negrinha só lhe permitiam brincar em sua imaginação com o cuco, situação modificada através do ato de brincar que liberta o pensamento infantil da menina, mas “sua humanidade, restaurada pela imaginação, só encontra liberdade na morte” (BIGNOTTO, 1999).

Negrinha, coisa humana, percebeu nesse dia da boneca que tinha alma.

Divina eclosão! Surpresa maravilhosa do mundo que ela trazia em si, e que desabrochava, afinal, como fulgurante flor de luz. Sentiu-se elevada à altura de ser humano. Cessara de ser coisa e de ora avante lhe seria impossível viver a vida de coisa. Se não era coisa! Se sentia! Se vibrava!...

Assim foi, e essa consciência a matou. (LOBATO, 1927)

Constata-se o forte papel desempenhado pela boneca na narrativa, pois quando ela entra em cena até o foco da narrativa muda e passa a concentrar-se no interior de Negrinha, em sua “alma” e imaginação (BIGNOTTO, 1999), ela passa a si ver como era: um ser humano, uma criança. Esse objeto é muito além de um brinquedo, é um símbolo de ideologias, de duas facetas distintas, isso se explica pelo fato de que “Brinquedos são objetos nada ingênuos.” (ibid.).

O papel social da mulher representado em *Negrinha*

O último ângulo que será observado no presente texto diz respeito à mulher e o seu papel na sociedade brasileira entre o fim do século XIX e o início do século XX. No conto *Negrinha* figuram personagens predominantemente femininas, apenas dois homens são mencionados na obra, o vigário e o marido de D. Inácia, este apenas em menção do narrador. Mas antes de partir para a análise do conto, se faz necessário um olhar histórico sobre a mulher.

Em meio à Colônia, o acesso à educação formal não era permitido às mulheres, somente os homens podiam frequentar as escolas. Mas, a elas estava destinado o treinamento para ter uma vida reservada, dedicando-se aos assuntos familiares, seus maiores encargos eram o casamento, a administração da casa e a criação dos filhos (FOLLADOR, 2009, p. 8), além de serem obrigadas a “tolerar as relações extramatrimoniais dos maridos com as escravas”

(SOUZA; BALDWIN apud FOLLADOR, 2009, p. 8). Essa situação não foi modificada drasticamente nos anos finais do século XIX, não é à toa que o narrador do conto *Negrinha* menciona o seguinte: “[...] uma mucama assada ao forno, porque se engraçou dela o senhor.” (LOBATO, 1927). Este trecho deixa evidente a situação que se mantinha – as mulheres sendo obrigadas a aturar as infidelidades de seus maridos –, mas D. Inácia não era uma mulher passiva, foi brutal com a escrava que lhe ameaçara, de certa forma. Em um contexto cultural em que o prestígio da mulher branca era definido por sua relação com os homens brancos, era de se esperar que elas quisessem “preservar uma separação clara entre seu *status* e o das negras.” (HOOKS, 2013, p. 130), como fez D. Inácia.

Havia uma “idealização e glorificação da mulher branca”, como imagem da mãe, um feminino não degenerado por causa da sexualidade e puro que, em contrapartida, ao longo dos séculos teve na figura da mulher indígena, coletivamente considerada como um “animal de caça” durante a colonização, e na mulher negra, que era reputada como “concubina das senzalas e precursora da mulata, imagem erotizada e objeto do desejo carnal [...]” (SCHMIDT, 2006, p. 775). Essas imagens têm origem “na mentalidade escravocrata e suas formas de subordinação da mulher”, das quais os resíduos perduram no “patriarcalismo ideológico burguês”, um problema basilar na sociedade e cultura brasileiras (ibid.). Problema até hoje arraigado à sociedade brasileira, com formas, também, no antifeminismo destacado por Schmidt:

[...]afirmo que o antifeminismo, entre nós, enraizou-se no âmbito da cultura letrada como uma idéia muito própria do lugar, na medida em que foi se consolidando no curso do próprio desenho do desenvolvimento econômico e da organização social brasileira, como decorrência das relações materiais de produção e da consolidação de um pensamento patriarcal e senhorial que ancorou um sistema social de relações de poder em que formas de misoginia e de racismo foram instrumentais na materialização dos interesses de classe da elite dominante. (ibid., p. 773)

Voltando agora para a segunda faceta da boneca, estudada na parte anterior a está, a partir da ótica que temos no século XXI, devido aos estudos como os de Rita Terezinha Schmidt, observamos no conto uma sociedade extremamente machista refletida nas palavras do narrador:

Varia a pele, a condição, mas a alma da criança é a mesma — na princesinha e na mendiga. E para ambas é a boneca o supremo enlevo. Dá a natureza dois momentos divinos à vida da mulher: o momento da boneca — preparatório, e momento dos filhos, — definitivo. Depois disso está extinta a mulher. (LOBATO, 1927)

Dessa forma, claramente constatamos uma postura antifeminista em *Negrinha*, pois reduz o papel da mulher ao de ser genitora, e que falhando nisso não seria uma mulher de fato. D. Inácia é o retrato dessa mulher que falhou em desempenhar o seu papel social segundo os ideais da sociedade em que estava inserida. Era viúva, não tinha mais consigo a figura masculina dominante, agravando sua situação também não tinha filhos e por essa razão não fora sensibilizada. Tudo isso se torna uma desculpa para suas ações cruéis como já ressaltamos no capítulo anterior.

Considerando todos os aspectos relatados a respeito da mulher na sociedade do fim do século XIX e começo do século XX, o que temos no conto *Negrinha* é a persistência de todos os problemas que existiam desde a colonização, sendo a mulher branca destinada a reclusão doméstica, e as demais consideradas igualmente como objetos, de menor valor, vale ressaltar. A mulher para ser mulher deveria cumprir com o encargo de gerar filhos, como forma de desempenhar seu papel social, que se resumia aos assuntos familiares.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, o conto *Negrinha* foi analisado por dois ângulos, com o fim de não reduzir a obra a apenas uma impressão; em primeiro lugar conceituou-se e analisou-se a forma da obra para então estudar seu conteúdo. Assim, o primeiro capítulo contribui para o entendimento da posição do referido conto na produção de Monteiro Lobato e do conceito do autor sobre esse gênero textual; ademais, nele expõe-se a posição de superioridade do narrador ante a matéria narrada e a ironia por ele empregada ao longo da história. No capítulo seguinte, estudam-se certas questões sociais presentes na obra, que, em poucas páginas, retrata desigualdades sociais, comportamentos hipócritas de religiosos, que deveriam tratar igualmente as pessoas abastadas e as necessitadas, e apresenta perspectivas antifeministas e machistas.

Uma vez respondidos todos os questionamentos propostos, conclui-se após as análises empreendidas, que essa obra requer estudo atento, pois, caso não se perceba que o narrador está sendo irônico, corre-se o risco de interpretá-la erroneamente. Caso isso ocorra pode-se, por exemplo, considerar algo comum ou irrelevante o tratamento cruel infligido por D. Inácia a Negrinha ou julgar como bela a morte de uma criança de sete anos com uma vida infeliz, como o faz o narrador do conto, que não sente a dor da personagem ou se revolta, apenas expõe os fatos. Na análise literária é necessário pensar além do que o narrador apresenta, questionando suas palavras e seu posicionamento, para produzir análises eficientes.

Pode-se chegar a outra conclusão sobre narrador. Ele mostra-se duvidoso, talvez um pouco cruel, quando ri das personagens, demonstrando um humor sombrio. Assim, o conto funciona como uma janela, permitindo perceber como o autor vê o mundo, e a ironia como instrumento para descobrir o seu posicionamento. O elemento machista presente no discurso do narrador também não pode ser ignorado. Tal visão de mundo reflete a percepção de que o papel social da mulher deve ser restrito, perspectiva que reverbera ainda hoje. O impacto que *Negrinha* terá sobre o leitor, porém, dependerá de sua vivência e sua consciência.

Outrossim, não se pode negar a importância do estudo do conto *Negrinha*, que mesmo criticando a sociedade brasileira do período de transição entre o século XIX e o século XX, aborda assuntos ainda hoje relevantes para a nossa sociedade, como as questões de classe social. Dessa forma, Lobato demonstra sua genialidade ao conseguir capturar a realidade de uma época por intermédio de suas personagens, levando o seu leitor a se comover, a se incomodar e a

refletir a respeito da condição do outro. O presente texto contribui para tal processo, possibilitando que o conto não seja superficialmente compreendido.

Com tantas questões a serem discutidas e por tratar de temas tão atuais, essa obra não pode ser ignorada, *Negrinha* não pode ser deixada no cantinho mais uma vez. Cabe a nós, profissionais das Letras, levar adiante as discussões suscitadas pelo conto. Isso, porém, requer preparação, o que muitas vezes os professores e as professoras do ensino fundamental e do médio não possuem, em razão da precária situação da educação brasileira. Além disso, o trabalho é árduo considerando o tempo exíguo de que dispõem, dificultando, assim, o debate dessas questões em sala de aula. Nos estudos universitários, espera-se, no mínimo, que Monteiro Lobato e sua obra estejam presentes e sejam analisados, como tem sido feito por profissionais como Marisa Lajolo e Cilza Carla Bignotto, em estudos abrangentes sobre a obra do autor.

Em suma, o conto *Negrinha* é mais que literatura, é história, mostrando os resquícios da colonização portuguesa, do preconceito e da desigualdade, que ainda perduram na sociedade brasileira. Aplica-se à *Negrinha* e ao que foi feito à população negra do País, não apenas durante os anos de Escravidão, mas também no período posterior à Abolição, a seguinte frase: “Esta é uma história de tragédias, descaso, preconceitos, injustiça e dor. Essa é uma chaga que o Brasil carrega até os dias de hoje.” (MARINGONI, 2011). *Negrinha* retrata essa situação, ao evidenciar o tratamento desumano, monstruoso recebido por um indivíduo, uma criança a qual representa milhares de pessoas que vivenciaram ou vivenciam tal infortúnio.

BIBLIOGRAFIA

ARNOLD, Henrique Luiz. *Estado e Igreja no Brasil: um comparativo entre a atuação do catolicismo e o pentecostalismo/neopentecostalismo*. João Pessoa: Periódicos UFPB, v. 7, n. 2, p. 159-171, 2017. Disponível em: <<https://www.periodicos.ufpb.br>>. Acesso em: jun/2019.

AZEVEDO, Carmen Lúcia; CAMARGOS, Márcia; SACCHETTA, Vladimir. *Monteiro Lobato, furacão na Botucúndia*. São Paulo: Editora Senac. 1997.

BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed. rev., ampl. e atual. conforme o novo Acordo Ortográfico. Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2009, p. 604 – 614.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Duas leituras da infância segundo Monteiro Lobato*. In: _____. *Lendo e Escrevendo Monteiro Lobato*. Eliane Marta Teixeira Lopes; Maria Cristina Soares de Gouvêa. (Org.). 1. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 101-114.

BIGNOTTO, Cilza Carla. *Monteiro Lobato e a infância na república velha*. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/memoria/projetos/ensaios/ensaio15.html>> Acesso em: abr/2019.

DA LÍNGUA PORTUGUESA, Dicionário. Dicionários Editora. Porto: Porto Editora, 2006.

DANTAS, Paulo. *Vozes do tempo de Lobato: depoimentos*. São Paulo: Traço, 1982, p. 55 e 56.

FERNANDES, Florestan. *Heteronomia racial na sociedade de classes*. In: _____. *A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era*. São Paulo: Dominus Editôra, 1965, v. 2, p. 191 – 194.

FERNANDES, Florestan. *Aspectos da questão racial*. In: _____. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1972, p. 21 – 44.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. 3. ed. Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Curitiba: Editora Positivo, 2004.

FERREIRA, Mendell Barreto. *O papel da Igreja frente à escravidão indígena e africana nos séculos XVII e XVIII: um olhar sob a perspectiva dos padres Antonio Vieira e João Antonio Andreoni (Antonil)*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, Instituto de ciências humanas, Faculdade de História, 2011, p. 19. Disponível em: <<http://www.ufjf.br/historia/files/2013/11/2011-O-PAPEL-DA-IGREJA-FRENTE-À-ESCRAVIDÃO-INDÍGENA-E-AFRICANA-NOS-SÉCULOS-XVII-E-XVIII-UM-OLHAR->

SOB-A-PERSPECTIVA-DOS-PADRES-ANTONIO-VIEIRA-E-JOÃO-ANTONIO-ANDREONI-ANTONIL.pdf> Acesso em: jun/2019.

FOLLADOR, Kellen Jacobsen. *A mulher na visão do patriarcado brasileiro: uma herança ocidental*. Revista fato & versões, v. 1, n. 2, 2009, p. 8. Disponível em: <<https://catolicaonline.com.br/fatoseversoes>>. Acesso em: jun/2019.

GALASTRI, Elaine de Oliveira. *O gênero “conto” na concepção de Monteiro Lobato*. In: *Elementos cômicos e trágicos em contos de Monteiro Lobato*. Araraquara, SP: UNESP, 2006, p. 4-6. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/91607/galastri_eo_me_arafcl.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: abr/2019.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. Ed. Ática, 2001.

HOOKS, Bell. *De mãos dadas com minha irmã: solidariedade feminista*. In: _____. *Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013, p. 127 – 149.

JUNIOR, Benjamin Abdala. *Introdução à análise da narrativa*. São Paulo: Scipione, 1995.

KOWALCZUK, Priscyla Dias. *A Revista do Brasil, O Presidente Negro e Negrinha: um estudo histórico-literário de Monteiro Lobato e suas diversidades*. Brasília, 2012. Disponível em: <http://bdm.unb.br/bitstream/10483/5308/1/2012_PriscylaDiasKowalczuk.pdf> Acesso em 25 mar. 2019.

LAJOLO, Marisa. *A figura do negro em Monteiro Lobato*. Presença pedagógica, v. 4, n. 23, p. 23-31, 1998. Disponível em: <<https://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>>

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. Disponível em: <<https://cs.ufgd.edu.br/download/Negrinha-de-Monteiro-Lobato.pdf>>. Acesso em mar/2019.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre: Quarenta anos de correspondência entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. 9. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959. 1 v.

LOBATO, Monteiro. *A barca de Gleyre: Quarenta anos de correspondência entre Monteiro Lobato e Godofredo Rangel*. 11. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1964. 2 v.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. Editora Globo, 2008. P. 19.

MACHADO, Livia. *128 anos da escravidão no Brasil*. Minas Gerais: Jornal Estado de Minas, 2016. Disponível em:

<<https://www.em.com.br/app/noticia/especiais/educacao/enem/2016/05/13/noticia-especial-enem,762306/128-anos-da-abolicao-da-escravidao-no-brasil.shtml>> Acesso em: maio/2019.

MARINGONI, Gilberto. *O destino dos negros após a abolição*. 70. ed. Brasília: Revista Desafios do Desenvolvimento - IPEA, 2011, v. 8. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&id=2673%3Acatid%3D28&Itemid=23> Acesso em: maio/2019.

MOISÉS, Massaud. *Análise de texto em prosa*. In: _____. *A análise literária*. São Paulo: Cultrix, 1999. p. 84-115.

MUECKE, D. C. *Ironia e o Irônico*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2008.

NUNES, Cassiano. *Monteiro Lobato: o editor do Brasil*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2000.

QUERINO, Manuel. *O colono preto como fator da civilização brasileira*. Salvador: Afro-Ásia, n. 13 (1980), 2017, p. 152. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/20815>> Acesso em: jun/2019.

RODRIGUES, Sergio Manoel. *Literatura, opressão e preconceito: uma análise do conto negrinha, de Monteiro Lobato*. Matter: Revista acadêmica da UNIBR, n. 10, v.1, 2005. Disponível em: <<http://unibr.com.br/revistamatter/2014/12/03/literatura-opressao-e-preconceito-uma-analise-do-conto-negrinha-de-monteiro-lobato/>> Acesso em: maio/2019.

SCHMIDT, Rita Terezinha. *Refutações ao feminismo: (des)compassos da cultura letrada brasileira*. Revista Estudos Feministas, v. 14, n. 3, 2006. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2006000300011/7380>> Acesso em: jun/2019.

TOLLER, Heloísa Gomes. *O discurso religioso*. In: _____. *As marcas da escravidão: o negro e o discurso oitocentista no Brasil e nos Estados Unidos*. Rio de Janeiro: Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 1989. P. 74-100.